

# DESAFIOS ATUAIS APONTADOS PELOS ALUNOS EM RELAÇÃO ÀS QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE

Joseanne Aparecida Maramaldo Levi<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este estudo trata da percepção de futuros professores sobre os desafios atuais em relação às questões de gênero e sexualidade. Assim, objetivou-se buscar a visão de estudantes do Curso de Pedagogia a respeito do tema em questão. Para tanto, na metodologia, fez-se uma pesquisa de campo de natureza qualitativa e quantitativa, com apoio bibliográfico e documental. A pesquisa foi realizada na cidade de São Luís, estado do Maranhão, Brasil, nos meses de abril e maio de 2018, em uma instituição pública de ensino superior, que faz parte da rede estadual de educação. Contou-se com a participação de 66 alunos matriculados no 1º, 4º e 8º período do Curso de Licenciatura em Pedagogia. Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se um questionário com perguntas abertas, fechadas e de múltipla escolha. Os dados coletados foram categorizados com as variáveis: gênero, idade, religião, período matriculado, renda e questões sobre gênero e sexualidade. Nos resultados, foi possível perceber forte relação das questões de gênero e sexualidade com o aspecto religioso.

**Palavras-chave:** sexualidade; gênero; universidade.

## 1 INTRODUÇÃO

No Brasil, há um longo caminho a ser percorrido para superar a violência relacionada à orientação sexual e à identidade de gênero, principalmente contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais ou transgêneros (LGBTs), em diferentes espaços, incluindo o acadêmico, onde se formam futuros professores que terão de lidar com distintas questões, inclusive sobre o tema abordado. Desse modo, percebe-se a necessidade de elucidar as sexualidades a partir de uma reflexão sobre as diferenças existentes que legitimam sua abordagem sob uma perspectiva democrática e participativa dos sujeitos.

---

<sup>1</sup> Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Doutoranda em Ciências da Educação; Escola Superior de Educação Almeida Garrett – Mestra em Educação Especialização em Administração Escolar; Faculdade Mario Schenberg – Especialista em Administração Escolar; Universidade Cândido Mendes – Especialista em Psicopedagogia; Universidade Estadual do Maranhão – Graduada em Pedagogia. E-mail: jdowlevi@gmail.com

## **2 REFLEXÃO SOBRE AS SEXUALIDADES E AS POSSÍVEIS (RE)CONSTRUÇÕES DAS DIFERENÇAS NAS EXPERIÊNCIAS DE ABJEÇÃO**

A partir da necessidade de conceituar sexualidades, encontramos, em Caldeira e Paraíso (2018, p. 13), que:

[...] são vivências de sensações, desejos e prazeres que, se podem imprimir sofrimentos e exclusões, do mesmo modo podem desencaxotar emoções, insuflar uma erótica desejante no mundo e fazer tremer os controles que buscam a todo custo conter a vida que jorra.

Vivemos em uma sociedade na qual buscamos ser aceitos para fazer parte dela, mas, para isso, concordamos com suas normas — daí, adotamos posturas que podem machucar ou maltratar corpos que não obedecem ao que foi consagrado como “certo” ou “normal”. De acordo com Louro (2010, p. 17), “A heterossexualidade é concebida como ‘natural’ e também universal e normal”.

Assim, pensar em uma sexualidade do ponto de vista da diversidade é uma proposta que parece ainda ter muitos desafios a serem superados, devido à performance que se espera frente à modalidade aceita como normal, que é o caso da heterossexualidade, consagrada como um parâmetro a ser seguido por todos, mas que não atende a todas as expressões dos desejos sexuais. Para Louro (2010, p. 17), a heterossexualidade é “uma forma de sexualidade [...] generalizada e naturalizada e funciona como referência para todo o campo e para todos os sujeitos”.

Nesse processo de modelação da sexualidade, cabe aqui destacar a necessidade de se perceber as chances de diversificar a discussão na apresentação de outras expressões de desejos sexuais. Considerando a importância da discussão em torno desse assunto, Weeks (2010, p. 48) salienta: “Os sentidos que damos a nossos corpos e suas possibilidades sexuais tornam-se, de fato, uma parte vital de nossa formação individual, sejam quais forem as explicações sociais”.

Desse modo, a necessidade de se olhar para a diversidade das expressões dos desejos sexuais influencia a nossa forma de enxergar o outro, para além do entendimento dos conceitos de gênero e sexualidade. Nessa ótica, Weeks (2010, p. 49) explana que a preocupação não está na “questão do que causa a heterossexualidade ou a homossexualidade nos indivíduos, mas, em vez disso, com o problema de por que e como nossa cultura privilegia uma e marginaliza — quando não discrimina — a outra”.

Nessa construção social de conceitos e valores, percebemos que há uma necessidade de classificação da sexualidade, como se quisesse compreender a sua diversidade, mas, de acordo com Weeks (2010, p. 62), “nosso senso comum toma como dado que esses termos demarcam uma divisão real entre as pessoas: há ‘heterossexuais’ e há ‘homossexuais’, havendo um outro termo para aquelas que não se ajustam exatamente nessa clara divisão: ‘bissexuais’”.

## **2.1 Discussão sobre a formação de professores(as) frente à diversidade da sexualidade**

Tendo em vista a diversidade da sexualidade, vamos percorrer o espaço educacional, especificamente o ambiente escolar, pois as questões que a envolvem fazem emergir algumas perguntas, tais como: “Será que a sexualidade muda a maneira como a professora e o professor devem ensinar? Ou será que a sexualidade deveria ser ensinada exatamente da mesma forma que qualquer outra matéria?” (BRITZMAN, 2010, p. 85).

Portanto, relacionar as questões que envolvem as sexualidades à docência é um grande desafio, e talvez esteja aí o cerne da problemática: falar da diversidade sexual com professores e professoras no processo de sua formação acadêmica para saberem lidar com o tema em sala de aula. Isso porque, como pontua Britzman (2010, p. 89), “a sexualidade não segue as regras da cultura, mesmo quando a cultura tenta domesticar a sexualidade. Podemos insistir que a sexualidade é a própria alteridade.”.

Assim, até mesmo a cultura escolar pode não conseguir modelar, orientar ou reprimir a diversidade sexual, mas pode se tornar um espaço para a democratização das mais variadas expressões da sexualidade. A respeito disso, Britzman (2010, p. 93) questiona:

Se o sexo é um tema assim tão instável em seus objetivos, conhecimentos, prazeres e práticas, o que pode, então, ser feito com que os educadores continuem dispostos a argumentar a favor e contra o sexo, a vincular o construto do sexo apropriado ao construto da idade apropriada, e a se preocupar sobre qual conhecimento existe em quais corpos em que circunstâncias?

Diante de tantas questões, podemos pensar na necessidade de se abordar a diversidade da sexualidade no âmbito escolar e de buscar meios de trazer à tona a discussão pedagógica através dos professores, já que a escola também precisa ser um espaço de aprendizagem da sexualidade. Para Hooks (2010, p. 115): “Nós professoras e professores, raramente falamos do prazer de Eros ou do erótico em nossas salas de aula”. Dessa forma, fica bem explícito que as questões do prazer envolvendo a sexualidade parecem não ter espaço no ambiente escolar e, ainda, na formação de futuros professores.

Segundo Hooks (2010, p. 115), percebemos que: “As faculdades [...] sempre foram um bastão da repressão. O mundo público da aprendizagem institucional é um lugar onde o corpo tem se anulado, tem que passar despercebido.”. Por conseguinte, diversos entraves podem ser reconhecidos para o enfrentamento das questões envolvendo as sexualidades, pois a faculdade, na oferta do ensino superior, pode limitar a discussão, dependendo de suas crenças e valores.

Para o referido autor:

Não há muito ensino e aprendizagem apaixonada na educação superior hoje em dia. Mesmo onde estudantes estão desesperadamente desejando ser tocados pelo conhecimento, professores e professoras ainda têm medo do desafio, ainda deixam que suas preocupações sobre perda de controle prevaleçam sobre seus desejos de ensinar. (HOOKS, 2010, p. 122).

Assim, podemos perceber, conforme a autora, que o espaço do ensino superior ainda não é tão livre e promissor de grandes descobertas. Por isso, é necessário buscar a promoção de mais estudos e análises sobre as questões envolvendo as sexualidades. Nessa linha, Oliveira (2017, p. 61) frisa: “Ao considerar que a diferença sexual foi concebida, seguindo uma lógica falocêntrica”, cabe, então, ao espaço de formação dos futuros professores ofertar maiores oportunidades de discussão, em que todas as sexualidades sejam contempladas pelos direitos naturais de existirem e serem vistas.

De acordo com Charlot (2013, p. 53), “A educação é política”. O autor reforça a ideia de que precisamos dialogar e discutir propostas que também representem a diversidade da sexualidade do ponto de vista da democratização dos desejos sexuais, visto que:

[...] dizer que a educação, ou a escola, ou os programas, ou o controle pedagógico etc. são políticos, ainda não é dizer grande coisa. Tudo é político, porque a política constitui certa forma de totalização do conjunto das experiências vividas em uma sociedade determinada. (CHARLOT, 2013, p. 55).

Considerando esse discurso sobre a política da educação, percebemos que atos como exclusões ou inclusões podem estar ligados aos conceitos do que é certo ou errado, em que incluir ou excluir pode ser resultado do ato político da escola, de professores e dos programas que contemplam a formação dos futuros docentes. Diante disso, emerge a seguinte questão: como o professor pode desenvolver o ato político de ser inclusivo na atual educação brasileira sobre as questões da diversidade sexual?

Vale lembrar que somos seres sociais, políticos e culturais em constante processo de mudanças e aprendemos com os outros o que sabemos hoje. Sobre os valores repassados para a população, Charlot (2013, p. 56) assinala que:

[...] a educação transmite à criança os modelos de comportamento vigentes na sociedade. Trata-se de modelos de trabalho, de vida, de troca, de relações afetivas, de relações de autoridade, de conduta religiosa etc. Eles definem o comportamento dos indivíduos diante dos outros indivíduos e das instituições sociais, e regulam sua participação na vida dos grupos sociais.

Então, o que sabemos ou aprendemos acontece na convivência com o outro, e pensando na escola, aprendemos o que sabemos de certo ou errado também na instituição escolar. No âmbito escolar, consoante Oliveira (2017, p. 27), a sexualidade é apresentada do ponto de vista da “heteronormatividade [...] como norma que regula, justifica e legitima a heterossexualidade como a forma de sexualidade mais natural, mais válida e mais normal em detrimento das outras, vistas como negativas e inferiores”.

Diante dos desafios citados, sabemos, segundo Franco (2012, p. 162), que “é certo que o professor sozinho não transforma a sala de aula”. Logo, não queremos colocar aqui toda a responsabilidade da função social do espaço educacional nas mãos da docência. Com base em Franco (2012, p. 171), necessitamos “construir uma didática que, por meio de sua prática, crie espaços para a negociação cultural, enfrentando os desafios da assimetria, e caminhe na direção de um projeto em que as diferenças estejam contínua e dialeticamente articuladas.”.

Esse processo de transformação permite que, aos poucos, sejam elaboradas estratégias de inclusão para todos, uma vez que articular teoria e prática no Curso de Pedagogia é um grande desafio. Para Franco (2012, p. 179), “é um problema que a Pedagogia como ciência deverá resolver, ou seja, estruturar-se como ciência da prática e para a prática”. Desse modo, será possível promover mais inclusões e a democratização do aprender no espaço educacional:

A prática docente, quando considerada como prática social, historicamente construída, condicionada pela multiplicidade de circunstâncias que afetam o docente, a instituição, o momento histórico, o contexto cultural e político, realizar-se-á como práxis, em um processo dialético que, a cada momento, sintetiza as contradições da realidade social em que se insere [...]. (FRANCO, 2012, p. 203).

Portanto, é possível vislumbrar possibilidades de democratização do discurso e da prática escolar, em que todos podem se expressar. Contudo, sabemos que é um processo que merece ser visto com atenção e cuidado, já que cada passo deve ser dado com uma pedagogia que permita vez e voz a todos do espaço educacional.

### **3 METODOLOGIA**

No estudo realizado, adotamos o modelo teórico-metodológico de natureza qualitativa e quantitativa, com apoio bibliográfico e documental e pesquisa de campo. Escolhemos de maneira aleatória uma instituição de ensino superior que ofertasse o curso de graduação em Licenciatura de Pedagogia no Brasil, especificamente na cidade de São Luís, Maranhão.

Dessa forma, tivemos como ponto de partida a dissertação de Mestrado em Educação intitulada *A função social da escola frente à discriminação e à promoção da igualdade dos alunos homossexuais*, apresentada na Escola Superior de Educação Almeida Garret em Lisboa, Portugal, em janeiro de 2015. Tal pesquisa objetivou perceber como se dava a inclusão de aluno(a)s homossexuais, reconhecendo que essa discussão ainda precisava ser aprofundada na perspectiva de que cabe à escola incluir o(a)s aluno(a)s em suas diversidades, mas investigando como se dá a formação de futuros professores na universidade pública.

Trata-se, então, de um recorte de um estudo maior, visto que estamos na elaboração do relatório de investigação do Doutorado em Ciências da Educação na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia em Lisboa, Portugal, com o título *Percepções sobre gênero e sexualidade na formação universitária de futuros professores*. Tal estudo tem como objetivo geral entender como a universidade prepara o futuro professor para lidar com a diversidade concernente às questões de gêneros e sexualidades.

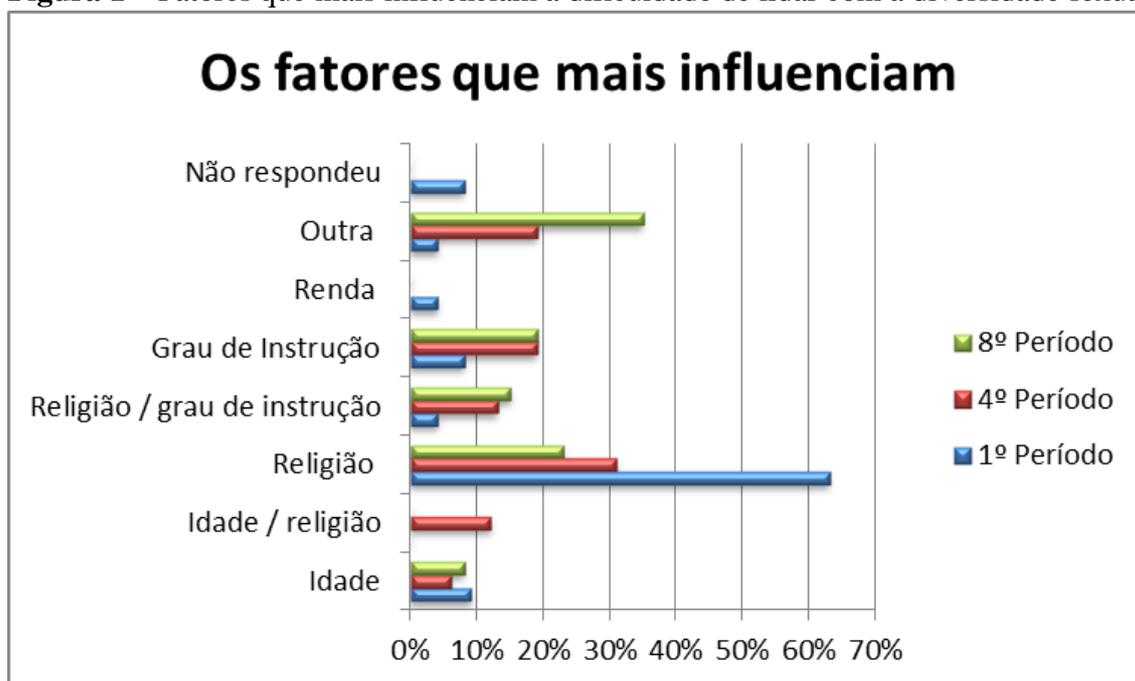
Como um dos objetivos específicos, visa-se identificar como a formação de futuros professores é orientada para a produção da empatia pelas diversidades sexuais e de gêneros em relação às experiências de abjeção (preconceitos e discriminações). O título deste artigo, *Desafios atuais apontados pelos alunos em relação as questões de gênero e sexualidade*, se justifica por ser um recorte desse relatório de investigação. Assim, o objetivo deste artigo consiste em conhecer os desafios norteadores de uma nova prática pedagógica em sala de aula.

A coleta dos dados foi realizada nos meses de abril e maio do ano de 2018, em uma universidade pública de ensino superior que faz parte da rede estadual de educação, envolvendo 24 alunos matriculados no 1º período, 16 alunos no 4º período e 26 no 8º período do Curso de Pedagogia, totalizando 66 participantes. Como instrumento, utilizamos um questionário com perguntas abertas, fechadas e de múltipla escolha, que foi submetido dentro da universidade. Por fim, categorizamos os dados coletados com as variáveis: gênero, idade, religião, período matriculado, renda e questões sobre gêneros e sexualidades.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

De acordo com a técnica escolhida, o instrumento de coleta de dados do relatório de investigação contém 23 perguntas abertas, fechadas e de múltipla escolha. Porém, percebe-se a necessidade de analisar apenas um gráfico relacionado à questão, pois resume o tema que está sendo discutido neste artigo.

**Figura 1** – Fatores que mais influenciam a dificuldade de lidar com a diversidade sexual



Fonte: dados da pesquisa.

Na questão “Em sua opinião, quais os fatores que mais influenciam você sobre a dificuldade em lidar com a diversidade sexual?”, 63% dos alunos do 1º período responderam: religião; 9% disseram idade e 8%, grau de instrução. No 4º período, a maioria, 31%, também respondeu religião; 19% responderam grau de instrução; 19%, outra, mas não identificaram a questão. Já no 8º período, 35% responderam outra, mas também não identificaram a questão; 23% disseram religião e 19%, grau de instrução.

Diante do exposto, a maioria dos alunos do 1º período apontou como desafios atuais: a religião, com 63%; no 4º período, temos 31% e no 8º período, 35% — o que chama atenção para a construção dos conceitos de gênero e sexualidade. A partir dessa variável, é que Bozon (2004) apresenta um desafio: sociologizar a sexualidade, mostrando a influência da construção social para o entendimento da sexualidade humana.

Assim, percebemos que a sexualidade do ponto de vista biológico perdeu a sua mais genuína expressão, ao receber as regras do agir sexual através do meio social que integra, tais como: Com quem? Onde? Quando? Como? Conforme Bozon (2004), a sexualidade transforma-

se em um conjunto de ações organizadas pelos aspectos políticos, culturais ou econômicos que vão sendo passados de geração a geração.

Observamos que, no século XIX, o termo sexualidade aparece como uma ruptura da construção dos paradigmas religiosos que controlavam e ditavam o sexo. Correlacionando com o tempo em que não sofria repressão, o sexo estava entre os pontos de maior liberdade. Nesse sentido, Foucault (1988) mostra que os atos sexuais seguiam acontecendo no século XVII de forma livre e espontânea nas fontes, consideradas um lugar aberto, com a presença de várias pessoas, sendo um espaço público tanto das mulheres quanto dos homens, que eram ensinados por elas a conduzir o amor, também chamado de sexo.

Os desafios encontrados pela percepção dos alunos em formação para a docência podem estar denunciando o que os teóricos vêm afirmando: de que nossas produções ou formas de conceber um determinado assunto — neste caso, sobre gênero e sexualidade — passam pelo filtro das construções historicamente absorvidas de geração a geração. Esse cenário faz com que tenhamos na universidade a necessidade de oportunizar discussões sobre o tema, para a promoção da igualdade na academia a todos os gêneros e sexualidades.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Notamos que os resultados encontrados em torno do tema apresentam correlação com a religião, como a variável norteadora da maioria das respostas dos sujeitos participantes. Além disso, notamos que as questões relacionadas aos fatores de dificuldade de discutir ou dialogar sobre as sexualidades podem ser melhor entendidas quando o espaço educacional oportuniza a reflexão acerca do tema em questão.

Os futuros professores estão sendo formados para atuar com crianças na faixa etária que compreende a Educação Infantil e os primeiros anos do Ensino Fundamental, o que corresponde aos primeiros dez anos do aluno no sistema educacional brasileiro. Porém, essa atuação exige competências para que os docentes tenham condições de compreender esse tema e obtenham um melhor desempenho pedagógico em uma perspectiva dialética da aprendizagem.

## **REFERÊNCIAS**

BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. *In*: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 83-113.

CALDEIRA, Maria Carolina da Silva; PARAÍSO, Marlucy Alves (org.). **Pesquisas sobre currículo, gêneros e sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018.

CHARLOT, Bernard. **A mistificação pedagógica**: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação. Tradução de Maria José do Amaral Ferreira. 1. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2013.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1988.

FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. **Pedagogia e prática docente**. São Paulo: Cortez, 2012.

HOOKS, Bell. Eros, erotismo e o processo pedagógico. *In*: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 113-123.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. *In*: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 7-34.

OLIVEIRA, João Manuel de. **Desobediência de gênero**. Salvador: Devires, 2017.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. *In*: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 35-81.